

A TRANSIÇÃO DO FEUDALISMO PARA O CAPITALISMO

Guilherme Baggio Ferla¹ & Rafaela Bellei Andrade²

1-Estudante do 2º ano do Curso Técnico-Integrado em Geomensura da UTFPR, campus Pato Branco; 2-UTFPR Licenciatura em História

Resumo - A transição do feudalismo para o capitalismo ocorreu sob o esfacelamento das instituições medievais que entravam em uma profunda crise com as mudanças ocorridas a partir do século XI. A crise na estrutura da sociedade feudal ocorreu quando as relações de produção servis se tornaram um obstáculo para o desenvolvimento das forças produtivas materiais, contraindo, ao longo de um processo transitivo, novas relações ajustadas ao modo de produção em ascensão, o capitalismo. Estas relações de produção eram as assalariadas. Com as mudanças econômicas surge também um novo homem, o burguês, que não serviu apenas para concretizar a exploração do homem pelo homem, mas também para simplificar esta exploração ao longo da evolução do modo de produção capitalista.

Palavras-Chave: Assalariado; Burguesia; Capitalismo; Crise; Feudalismo;

THE TRANSITION OF THE FEUDALISM TO THE CAPITALISM

Abstract- The transition of the feudalism for the capitalism occurred under the destruction of the medieval institutions that entered in a deep crisis with the occurred changes from century XI. The crisis in the structure of the feudal society occurred when the servile relations of production had become an obstacle for the development of the material productive forces, contracting, throughout a transitive process, new relations adjusted for the way of production in ascension, the capitalism. These relations of production were the wage-earners. With the economic changes a new man also appears, the bourgeois, who did not only serve to materialize the exploration of the man for the man, but also to simplify this exploration in the long of the evolution in the way of capitalist production.

Keyword: Wage-earner; Bourgeoisie; Capitalism; Crisis; Feudalism;

1. INTRODUÇÃO

A Idade Média, por se tratar de um período historicamente longo, foi dividido em duas fases: Alta Idade Média (V ao XI), período em que ocorre a formação e consolidação do feudalismo, e Baixa Idade Média (XII ao XV), quando ocorre o apogeu, a decadência e a crise do feudalismo.

Já no final da Alta Idade Média ocorreram profundas mudanças na estrutura feudal, que introduziram parte da sociedade a uma dinâmica urbana e comercial. Sobre estas mudanças estruturavam-se as principais causas da crise do sistema feudal, que pouco a pouco, tomava forma do capitalismo mercantil dominante durante a Idade Moderna.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo foi feito sob uma análise crítico histórica através do método materialista dialético elaborado por Marx. Sob esta concepção entende-se que a compreensão de história depende da nossa habilidade de analisar os processos de produção da vida material correspondentes a um modo de produção. Desta forma, idéias não são passivas e independentes do mundo material, mas produtos do trabalho humano.

As contradições das nossas idéias são originárias das

contradições dentro da sociedade humana, sendo necessário perceber que as contradições se expressam na aparência, mas surgem na essência.

Segundo Marx, é necessário compreender a realidade histórica em suas contradições, para tentar superá-las dialeticamente. Aqui se faz necessário citar de forma generalizado os seguintes princípios adotados pela dialética: tudo se relaciona; tudo se transforma; as mudanças qualitativas são conseqüências de mudanças quantitativas; a luta dos contrários é o motor do pensamento e da realidade; e a vida espiritual da sociedade é um reflexo da vida material.

Sobre o último princípio apresentado entendemos que:

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (MARX, 1859).

A maneira pelo qual o homem encontra para suprir suas necessidade materiais, com a criação independente, porém necessária de relações de produção corresponde a um determinado grau de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. Este grau de desenvolvimento

caracteriza, portanto um modo de produção. Dentro desta concepção feudalismo e capitalismo são modos de produção.

A sociedade é formada pela estrutura e pela superestrutura. Na estrutura encontramos as forças produtivas materiais relacionada às relações sociais de produção. A superestrutura é formada pelas instituições jurídicas, políticas (as leis, o Estado) e ideológicas (as artes, a religião, a moral) de uma determinada época. O comportamento da estrutura irá, por consequência, influenciar a superestrutura, mas não nega-se que possam ocorrer mudanças vindas da superestrutura em direção à estrutura.

Desta forma, uma grande mudança na estrutura irá acarretar grandes mudanças na superestrutura, o que explica quando Marx afirma que o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral.

Uma sociedade entra em crise quando suas relações sociais de produção (que no caso do feudalismo são servis, e no caso do capitalismo, são assalariadas) começam a impedir o desenvolvimento das forças produtivas materiais.

Entretanto:

Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém, e jamais aparecem relações de produção novas e mais altas antes de amadurecerem no seio da própria sociedade antiga as condições materiais para a sua existência (MARX. Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Os acontecimentos que marcaram a Baixa Idade Média

Compreende-se como processo de transição do feudalismo para capitalismo as seqüências de mudanças que ocorreram a partir do século XI na Europa feudal.

A partir do século X e XI, com o fim das invasões bárbaras e com o surgimento de novas tecnologias no campo, houve um aumento significativo na produção agrícola. Com uma maior disponibilidade de alimentos houve, por consequência, um aumento demográfico.

Também no século XI iniciaram-se as Cruzadas. Com as idas e vindas do Oriente, muitas rotas comerciais que haviam desaparecido com o fim do Império Romano Ocidental ressurgiram, como também apareceram novas rotas que ligavam o Ocidente do Oriente.

O surgimento / renascimento de rotas comerciais com o Oriente, aliada à existência de um excedente agrícola comerciável permitiu que ocorresse um importante fenômeno para o surgimento do capitalismo: a Revolução Comercial.

Em consequência desta revolução comercial ocorreu também a Revolução Urbana, mais precisamente, o

renascimento das cidades, aliadas ao nascimento de novas, bem como a retomada de atividades tipicamente urbanas.

Sobre o povoamento das cidades medievais entende-se que com a expansão demográfica ocorrida em detrimento do aumento da produção agrícola, muitas pessoas passaram a habitar as cidades, bem como as inovações tecnológicas no campo, que requeriam menos mão-de-obra, expulsaram os camponeses. Estes dois fatores aliadas criaram fluxos migratórios do campo para as cidades.

Com o crescente comércio e com o renascimento das atividades urbanas surgia também uma nova classe de pessoas: os burgueses. Inicialmente as cidades que cresciam perto dos castelos dos senhores feudais eram chamadas de burgos, e o termo burguesia se referia a todas as pessoas que habitavam os burgos. Mas com o tempo, a burguesia passou a referenciar uma classe de pessoas que se destacavam nas atividades comerciais urbanas, detendo domínio do capital e dos meios de produção.

As atividades artesanais que se desenvolviam no início da Revolução Comercial foram, pouco a pouco, se tornando dependentes da burguesia. Neste ponto da história da humanidade ocorre o surgimento de uma nova relação de produção muito importante para o surgimento do capitalismo, o surgimento dos assalariados.

O processo de substituição dos laços servis por trabalho assalariado não ocorreu, entretanto, em todos os lugares onde predominavam as relações feudais. Na Europa Oriental, afastada das rotas comerciais, as relações servis não declinaram, ao contrário, se intensificaram. O senhor feudal ampliava a apropriação da produção do servo, aumentando a sua reserva comerciável.

Uma vez que as forças produtivas materiais se desenvolvam por completo, as relações de produção, que antes eram o motor de tal desenvolvimento, passam a se tornar obstáculos, daí a necessidade de uma mudança, geralmente sob forma de crises e/ou revoluções.

Portanto, a contração de relações assalariadas, a revolução comercial e o surgimento da burguesia, não significam só uma mudança na formação social, mas também o surgimento de um novo modo de produção, caracterizado por esta nova relação social de produção, necessária ao desenvolvimento das novas forças produtivas materiais que surgem na sociedade.

3.2 A crise do sistema feudal

Nos idos do século XII as revoluções comercial e urbana introduziram a sociedade, dominada pela Igreja, novas relações e necessidades materiais.

É de suma importância entender de que forma estas revoluções afetaram o feudalismo, introduzindo a sociedade ao capitalismo, pois desta forma estaremos analisando a mudança nos processos de produção bem como nos vínculos de dependência do homem.

A noção de capitalismo, entretanto já existia nas primeiras civilizações. A Grécia Antiga, por exemplo, estava

estruturada inicialmente sobre a propriedade dos gens, que eram terras comunais. Com a invasão dos dórios as terras adquiriram o caráter privado, seguido do aumento das diferenças de classes.

A história de toda a sociedade até os nossos dias é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta, luta que a cada etapa conduziu a uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou ao aniquilamento das duas classes em confronto (MARX et al., Manifesto do Partido Comunista. 2003).

É importante destacar como Marx e Engels utilizam o termo etapa e transformação revolucionária, por que de fato analisamos na transição do feudalismo para o capitalismo é mudança na etapa da história do homem, bem como uma transformação revolucionária das relações de produção.

Com o renascimento do comércio as terras perderam o ser caráter auto-suficiente, pois até então sua produção era voltada para suprir as necessidades do feudo e do senhor feudal. Desta forma, o campo deixou de produzir alimentos para produzir matéria-prima para subordinar-se às necessidades da cidade.

Com o campo despovoado (consequência dos fluxos migratórios rumo as cidades), a estagnação tecnológica, a queda na produtividade do solo, as mudanças climáticas e a expropriações das terras cultiváveis, a produção de alimentos caiu consideravelmente. Os senhores feudais passaram, desta forma, a explorar a massa servil e o campesinato que habitavam o campo, gerando vários movimentos, acompanhados de motins e revoltas que surgiam nas cidades em função do desemprego. Toda esta situação de fome estava acentuada pelo número de pessoas que habitavam a Europa na época.

Além da fome, a crise do sistema feudal acentuou-se pelas intensas pestes que se alastravam pela Europa, dizimando boa parte da população. Estas pestes vinham do comércio com o Oriente. Desta forma, criou-se um ciclo de desgraças, chamado de trilogia de catástrofes, mais conhecida pela fome, epidemias e guerras.

Deve-se lembrar que o período medieval foi marcado pela descentralização política, ou seja, o poder estava na mão dos nobres senhores feudais, sendo o rei uma figura quase que totalmente decorativa. Com o surgimento da burguesia e a luta pela emancipação das cidades, o monarca aliou-se a esta nova classe no objetivo de tirar a nobreza do poder. No período de crise do sistema, o monarca surge como uma figura coletiva, centralizando o poder em suas mãos.

A existência da nobreza no período pós-medieval foi de grande importância para o desenvolvimento do capitalismo mercantil. Para o mercador do século XVI, a nobreza servia para financiar as expedições ultramarinas.

Parte da nobreza tomou posse das colônias americanas tornando-se uma classe de aristocratas rurais que detinham de poder político e econômico.

A burguesia surgida das ruínas do feudalismo não suprimiu a luta de classes histórica, mas limitou-se a substituir as antigas classes por novas, por novas condições de opressão, por novas formas de luta.

Sob a perspectiva materialista histórica, a crise feudal e o esfacelamento de suas instituições é a própria mudança na estrutura da sociedade e o reflexo desta sobre a superestrutura. Portanto o surgimento de relações de produção assalariadas, possibilitada pela existência de condições materiais para tal, é o alicerce do processo que originou as instituições predominantes na Idade Moderna, estruturadas sob o desenvolvimento das forças produtivas e consequentemente sob o novo modo de produção correspondente a este grau desenvolvimento.

4. CONCLUSÃO

A evolução do homem na busca por suprir suas necessidade materiais se dá sob a forma da superação de sua existência por meio das transformações nas relações de produção materiais. Esta superação ocorre justamente por revoluções, crises ou profundas mudanças na sociedade. A crise do feudalismo é, portanto a superação do homem feudal e de suas instituições, o que acarreta por consequência a formação de um novo homem, o capitalista, e de novas relações de produção. O processo de transição não é generalizado ao surgimento das relações assalariadas na Europa Ocidental, não se pode negar o impacto sobre toda a estrutura feudal e consequentemente sobre todas as formas ideológicas ligadas a ela.

Desta forma, o capitalismo é justamente uma resposta histórica da evolução do homem na busca pelo domínio da natureza, com a superação do homem feudal e de suas relações de produção, acompanhado do surgimento de novas relações necessárias para o desenvolvimento do novo modo de produção.

5. REFERÊNCIAS

- DUBY, G. A Europa na Idade Média. Martins Fontes: São Paulo, 1988. p.105.
- FRANCO JUNIOR, H. O feudalismo. 10. ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1991.
- LE GOFF, J. O apogeu da cidade medieval. Martins Fontes: São Paulo, 1992.p.197.
- MARX, K. Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política. 1859. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcritconpoli/prefacio.htm#topp> . Acesso em: 08 jul. 2007.
- MARX, K.; FRIEGRICH, E. Manifesto do Partido Comunista. 1. ed. L&PM: Porto Alegre, 2003.
- PAIS, M.A.O. O despertar da Europa: a Baixa Idade Média. Atual: São Paulo, 1992. p.38.
- PERRY, M. Civilização ocidental: uma história concisa. 1.ed. Martins Fontes: São Paulo, 1985. p.242.